

Aventura espanhola na Copa do Mundo de 1950: os usos políticos do futebol

Spanish adventure at the 1950 World Cup:
the political uses of football

Raphaël Benbouhou,* Marcelo Moraes e Silva**

* Mestre em História Contemporânea (Univ. de Poitiers, França). Mestrado em Gestão do Esporte (Univ. de Bordeaux, França). Assistente de Documentação no Museu Nacional do Esporte (Nice/França) e doutorando em Ciências do Esporte e do Movimento e do Esporte (Fac. de Ciências Sociais e Políticas, Univ. de Lausanne, Suíça).

✉ benbouhouraphael@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5640-0503>

** Doutor em Educação (Univ. Estadual de Campinas, Brasil). Professor do Departamento de Educação Física e nos programas de mestrado e doutorado em Educação e em Educação Física da Univ. Federal do Paraná (Brasil).

✉ marcelomoraes@ufpr.br
<https://orcid.org/0000-0001-6640-7952>

RECIBIDO: 10.2.2021

ACEPTADO: 29.4.2021

Resumo

O presente artigo buscou analisar como a participação da seleção de futebol da Espanha na Copa do Mundo de 1950 foi utilizada como instrumento político. Para alcançar tal intento, foi realizada uma pesquisa documental em jornais espanhóis de orientação franquista e em um periódico brasileiro especializado em esportes, o “Jornal dos Sports”. No veículo brasileiro, foram buscadas notícias relativas aos jogos realizados pelo selecionado espanhol na Copa do Mundo de 1950. A título de conclusão, indica-se que o futebol foi utilizado politicamente pela ditadura capitaneada por Franco e que a participação do selecionado no mundial, realizado no Brasil, foi habilmente utilizada pelos dirigentes franquistas para valorizar a imagem da Espanha perante o restante do mundo.

Palavras chaves: esporte, competição esportiva, Espanha.

Abstract

This article has aimed to analyse how the participation of the Spanish national football team in the 1950 World Cup was used as a political instrument. To achieve this goal, a documentary research both in Spanish pro-Franco newspapers and a Brazilian sports journal “Jornal dos Sports” was carried out, searching for news

related to the matches played by the Spanish team during the 1950 World Cup. The conclusion is that football was used politically by the dictatorship set up by Franco and that the participation of the Spanish national team in the Brazilian World Cup was cleverly used by the Francoist leaders to enhance the image of Spain before the rest of the world.

Keywords: sport, sports competitions, Spain.

Introdução

O futebol foi apenas uma modalidade convidada para os Jogos Olímpicos de 1904, em Saint Louis/Estados Unidos. Morrow (1985) salienta que, nesse evento, não ocorreu uma competição de fato, acontecendo apenas confrontos entre três combinados, um oriundo do Canadá e outros dois dos Estados Unidos, sendo a competição vencida pela equipe canadense do Galt FC. Porter (2009) indica que foi somente a partir da edição de Londres em 1908, no torneio vencido pela anfitriã, que a modalidade contou com a participação de seleções de melhor nível, como Dinamarca, França, Grã-Bretanha, Holanda e Suécia. Contudo, Carpentier (2005) sublinha que a FIFA pretendia se afastar do COI e controlar totalmente a modalidade e, por isso, começou a pensar na criação da sua própria competição. O autor lembra que, em 1929, no congresso da entidade, realizado na cidade de Barcelona, foi decidido que a primeira Copa do Mundo de futebol aconteceria em 1930 no Uruguai. A competição obteve certo sucesso de público e uma segunda e terceira edições foram organizadas na Itália (1934) e na França (1938).

Vonnard e Quin (2019) e Tovar (2020) afirmam que a eclosão da Segunda Guerra Mundial impediu a realização das atividades administrativas da FIFA, bem como a realização de duas edições da Copa do Mundo. Os autores evidenciam que, com o término do conflito, aconteceu um congresso da entidade no qual foi definido que a quarta edição do torneio aconteceria no Brasil, no ano de 1950. Como a imprensa esportiva internacional estava atenta a todos os acontecimentos da competição realizada no Brasil, o governo do general Francisco Franco buscou tirar proveito da ocasião.

O franquismo enquanto um movimento político se consolidou no final da guerra civil espanhola (1936-1939). Este confronto foi marcado pelo enfrentamento entre nacionalistas e republicanos; os primeiros foram liderados por oficiais do exército – cujo primeiro líder era José Sanjurjo – que prepararam e executaram um levante, em 17 de março de 1936, com o objetivo de destruir a Segunda República espanhola (Vilar, 2019). Tal conflito culminou com a vitória dos nacionalistas que assumiram o comando da Espanha em 1º de abril de 1939, colocando fim aos planos e às medidas que foram implementadas durante a Segunda República (1931-1939).

Hermet (1986) e Viñao Frago (2014) argumentam que os nacionalistas, ao vencerem a guerra civil, começaram um movimento de apagamento do passado, instalando

medidas antiliberais e relacionadas ao catolicismo. No entanto, a guerra civil prologou uma espécie de conflito ideológico entre os defensores de uma “Espanha autêntica, que brilha com a especificidade hispânica de seu passado” e aqueles que eram os supostos agressores, ou seja, o “[...] liberalismo, ateísmo, comunismo e maçonismo” (Dulphy, 1993, p. 348). Desta forma, o franquismo se tornou a representação dessa “Espanha autêntica”, tornando-se, conforme apontam Amalric et al. (1976), um regime político ditatorial, liderado pelo general Francisco Franco e implementado após a guerra civil, terminada em 1939, que perdurou até 1975. Este governo proibia a existência de partidos e sindicatos e concedia ao chefe de estado um poder quase absoluto.

Os autores também salientam que se tratava de um regime paternalista, com clara orientação fascista, e que contava com amplo apoio de setores tradicionais da sociedade espanhola, como o Exército e a Igreja Católica. Devido a estas características, pode-se automaticamente inserir o franquismo na categoria dos regimes autoritários ou totalitários, dois termos não distantes, mas diferentes, que produzem um debate historiográfico pulsante sobre a definição da natureza política e ideológica do período que Franco ocupou o poder na Espanha. No entanto, o franquismo era um movimento nacionalista e tradicionalista em sua essência e, sem dúvida, era um regime autocrático, pois, além de chefe de estado, Franco era o líder do partido único denominado “Movimiento Nacional”,¹ do sindicato e do exército (Peyregne, 2011).

Na relação entre o franquismo e a esfera esportiva, Shaw (1987), Simon (2019) e Quiroga (2020) indicam que, durante e após a Segunda Guerra Mundial, as interações entre FIFA e Espanha foram benéficas para a ditadura franquista. Os autores argumentam que o franquismo utilizou o futebol como um importante instrumento político, buscando criar uma imagem renovada da Espanha. Sendo assim, a Copa do Mundo de 1950 teria um papel no desenvolvimento de uma retórica relativa a uma nova Espanha. Nesse sentido, o presente artigo busca responder à seguinte problemática investigativa: Como o governo franquista utilizou politicamente da participação espanhola na Copa do Mundo realizada no Brasil, em 1950?

Para responder a essa questão, foram acionadas fontes oriundas principalmente da imprensa espanhola. Os jornais espanhóis experimentaram um período de prosperidade entre a década de 1910 e o início da década de 1930, momento no qual, conforme aponta Simon (2012), o futebol se popularizava na Espanha. Assim, a imprensa é uma fonte útil para a análise do futebol espanhol e seus efeitos em uma ditadura como a de Franco, visto que esse regime utilizou as páginas dos jornais como forma de difusão dos seus valores.

1 O “Movimiento Nacional” era o partido único liderado por Franco resultado de um entrelaçamento de forças políticas, inicialmente compostas por falangistas, carlistas, católicos e membros das forças armadas espanhola (Canal, 2017).

Os periódicos selecionados foram o *La Vanguardia*, *ABC* e o *Mundo Deportivo* que foram fundados respectivamente em 1881, 1903 e 1906. Os dois primeiros são jornais gerais com uma grande importância no contexto espanhol. Já o *Mundo Deportivo* foi o primeiro periódico esportivo da Espanha e um dos mais populares do país. Sua circulação inicialmente era semanal, tornando-se uma publicação diária em 1929. Esses três jornais fizeram parte de um contexto político que determinou em grande parte suas linhas editoriais, pois o regime de Franco monitorava severamente os periódicos através da lei da imprensa instituída em 22 de abril de 1938.

Essas fontes jornalísticas foram submetidas a uma análise com o intuito de evidenciar que o futebol não era apenas um tema que almejava vender mais exemplares, mas também como um marco no processo de propaganda do regime de Franco. As notícias permitiram a visualização dos efeitos do investimento franquista na cobertura de notícias esportivas, em especial na seleção nacional, que se destacou na Copa do Mundo de 1950.

Como complementação, consultaram-se fontes sobre a participação espanhola na Copa do Mundo de 1950, existentes na imprensa brasileira. Foram selecionadas notícias publicadas no *Jornal dos Sports*. Este periódico foi de importância ímpar por ser um importante jornal diário especializado em esportes no Brasil, criado na cidade do Rio de Janeiro, e especialmente por se tratar de uma publicação associada à figura de Mário Filho,² proprietário e editor chefe do mesmo a partir de 1936 (Hollanda, 2012).

Efeitos de uma relação esportiva instrumentalizada: a fabricação de uma Espanha renovada

A utilização política do futebol foi algo que caracterizou a Espanha franquista. Shaw (1987), Gonzalez-Aja (2012) e Simon (2019) apontam que o governo espanhol, através do esporte, conseguiu impor à sociedade questões que estavam longe de serem unanimidade, como a nacionalização dos clubes e a utilização do esporte para fins militares. Desde o início do franquismo, as associações esportivas foram controladas pelo regime através da Delegação Nacional de Esportes, que passou a nomear os presidentes de federações nacionais (Gonzalez-Aja, 2012). Ao garantir a presença de dirigentes afinados à ideologia franquista, o governo passou a impor uma “hispanização” dos clubes. O objetivo era apagar qualquer influência regional, a fim de reforçar a “espanholidade”.

2 Mário Rodrigues Filho (1908-1966) contou com o apoio de Gilberto Freyre, José Lins do Rego e de seu irmão, Nelson Rodrigues, para se tornar uma das vozes mais proeminentes do jornalismo esportivo brasileiro. Devido a sua importância no cenário futebolístico brasileiro, seu nome foi dado ao estádio do Maracanã (Capraro, 2011).

Esse processo afetou entidades com forte identidade regional, como, por exemplo, o Atlético Bilbao e o Barcelona (Quiroga, 2020).³

Vestígios desses efeitos foram abundantes na imprensa espanhola no início da década de 1940. O seguinte trecho do jornal Mundo Deportivo evidencia a questão:

As circunstâncias me levaram a presidência desta veterana entidade e vocês tem tido o espírito de sacrifício e a necessária compreensão que o momento exige aos homens de boa vontade para colaborar comigo [...]. Desde logo, opino que temos que considerar nosso mandato como um serviço a causa de engrandecimento da Espanha. No ânimo de todos estão fatos passados que não se devem repetir. O clube tem que encontrar os caminhos que o conduzam ao seu crescimento futuro, e a recuperação de seu prestígio e potência esportiva de antes, dentro das linhas gerais que presidem todas as atividades espanholas. Existem coisas, acerca das quais não quero insistir, que se foram para não mais voltar, na Espanha, e algumas destas coisas se foram também deste clube, que não necessita de bastardos para atrapa-lhar e sinceramente para a maior glória de uma das cores, tantas vezes vitoriosa nos campos do esporte, e quanto mais alto conseguirmos colocar [...] então, em maior grau teremos contribuído para o ressurgimento dessa função tão importante do esplendor nacional que é o esporte espanhol. (D. Enrique Piñeyro, 1940, p. 1)

As declarações de Enrique Piñeyro, presidente do FC Barcelona, no início da década de 1940, refletiam a relação entre o futebol e a esfera política espanhola. A fala do presidente buscava se sintonizar aos valores franquistas, enfatizando a força moral que o “*homo-sportivus*” franquista deveria encarnar. Um esportista, ao defender as cores de uma equipe como o Barcelona, deveria ser um soldado do governo em busca da regeneração da nação. O teor da exposição do dirigente da equipe catalã era claramente de propaganda política, circulando em torno do conceito de regeneração da nação, o que acabou, posteriormente, promovendo efeitos benéficos nas relações entre os espanhóis e a FIFA.

Cabe destacar que interação entre a Espanha e a instituição que controlava o futebol mundial foi muito explorada pelo regime franquista. Tal relação foi usada para calibrar a imagem que o regime desejava transmitir durante toda Segunda Guerra Mundial.

3 O Barcelona desenvolveu, a partir da década de 1910, uma relação particular com o catalanismo. Porém, o estabelecimento de um regime autoritário, entre 1923 e 1930, sob a liderança de Primo de Rivera, afetou a entidade. Este governante, favorável ao centralismo, combateu o catalanismo, limitando maciçamente o uso da língua catalã e o funcionamento de suas instituições (Marty, 2019). Nesse contexto, o Barcelona, que havia se tornado uma caixa de ressonância política para os habitantes da Catalunha, foi alvo de ações nacionalistas. Por essa catalização, o clube passou a ser visto como uma fonte de perigo para o projeto franquista que buscou, assim como havia tentado Primo Riviera, nacionalizar a entidade (Rigo y Torrano, 2013; Quiroga, 2020).

Nessa empreitada, os clubes de futebol se tornaram fundamentais, pois eles ajudariam na difusão de uma disciplina nacional (Shaw, 1987). Novamente, a imprensa espanhola buscou desempenhar um importante papel político:

–O que você acha do futebol espanhol?

–É muito difícil definir um critério exato através de uma única partida. Pelo que vi hoje, o futebol espanhol mantém essa improvisação e velocidade que sempre foi sua melhor arma. O Atlético de Bilbao joga um bom futebol, um pouco diferente do que estamos acostumados no meu país, mas realmente eficaz [...] fiquei satisfeito com os desempenhos das duas equipes e ainda mais quando me falaram que eles não produziram tudo. [...]

–Quais jogadores você gostou?

–Você me pergunta coisas difíceis de especificar. Minha impressão foi bem por cima. Não conheço bem os jogadores espanhóis e, na realidade, o que digo apenas reflete um critério muito pessoal, e talvez equivocado. Uma única partida é pouco para julgar um jogador de futebol. No entanto, me pareceu que o centroavante Zarra do Bilbao é muito bom e muito corajoso também. (Mr. Luis Dupuy, 1943, p. 1)

As declarações reproduzidas foram de Luis Dupuy, representante do Uruguai junto à FIFA, que era naquele período um personagem importante do futebol mundial. Vonnard e Quin (2017) apontam que o uruguaio trabalhou na estruturação das primeiras edições da Copa do Mundo e liderou o bloco sul-americano junto à FIFA. Em seu relato, o representante uruguaio comentou uma partida que assistiu em Bilbao, entre a equipe de Telmo Zarra, o Atlético de Bilbao, e o Barcelona, que terminou com o placar de 5-2 a favor dos anfitriões, com a marcação de três gols por parte da estrela local.

Zarra chamou a atenção do uruguaio, que o denominou de um atleta “corajoso”. Cabe destacar que essa adjetivação contribuiu, de certa maneira, para o retorno do mito da “Fúria Roja”, criado nas Olimpíadas de 1920, na Antuérpia, quando a seleção espanhola conquistou a medalha de prata. Nessa competição, a esquadra espanhola se distinguiu das demais equipes por sua combatividade (Simon, 2016). Além disso, o representante da FIFA apreciou o espetáculo oferecido pelas duas equipes, julgando positivamente o estilo do futebol espanhol. Considerou-o criativo e rápido, qualidades que remetiam ao clichê do atleta sul-americano, ou seja, aquele que pratica um futebol menos rigoroso e mais livre.

Esse estilo de futebol, mais criativo e atrativo para o espectador, era bem utilizado no futebol praticado na Argentina e no Uruguai, entre os anos de 1920 a 1950. Archetti (1995) indica que a maneira argentina ficou conhecida fora das fronteiras da América do Sul em razão da turnê que o Boca Juniors, importante clube da cidade de Buenos Aires, realizou pela Europa, em 1925. Já a maneira uruguaia se difundiu para o mundo,

segundo aponta Prats (2010), com a conquista das medalhas de ouro nas Olimpíadas de 1924/Paris e 1928/Amsterdã, além do campeonato mundial de 1930 (Uruguai).

Hémeury (2014) e Do Cabo e Helal (2017) indicam que tal maneira de praticar o esporte bretão se personificou num futebol típico da região do Rio da Prata, que foi muito utilizado na construção da identidade nacional tanto de argentinos como de uruguaios. Aqui se evidenciava a rivalidade instalada entre duas escolas de futebol com filosofias muito distintas: de um lado, uma mais europeia, que colocava em primeiro lugar as qualidades físicas e a disciplina; de outro, uma sul-americana que acreditava na criatividade e na improvisação. Essa dicotomia entre o futebol praticado pelos europeus e sul-americanos também se manifestava nos bastidores políticos da FIFA (Dietschy, 2013).

Contudo, as características gerais vistas nos campos espanhóis por Luis Dupuy estavam muito distantes das existentes no futebol uruguaio. Assim, a análise objetiva do representante permitiu que a imprensa espanhola moldasse, a partir da fala do sul-americano, seu próprio retrato. Para construir essa imagem, o futebol espanhol precisava se mostrar para o restante do mundo:

Os delegados espanhóis Rafael Gonzalez Iglesias e Ricardo Cabot Montalt [...] declararam ao correspondente de “Alfil”, opinião de que o futebol espanhol se beneficiaria muito dessa reunião da FIFA. A qualidade do jogo espanhol [...] decaiu muito durante a guerra, porém temos a esperança de recuperar a antiga pujança quando se celebre a “Copa Jules Rimet” no Brasil. A Espanha tem tido a sorte de preparar equipes, contudo faltaram as competições necessárias para manter uma grande qualidade de jogo. (La asamblea general, 1946, p. 1)

A fonte evidencia que o aspecto técnico era o principal elemento explorado por uma imprensa pró-Franco, questão que confirma a importância de se criar uma identidade de jogo que pudesse incorporar um modo de ser espanhol. A Copa do Mundo seguinte aconteceria em 1950, no Brasil, e a seleção seria a responsável pela difusão da imagem do país ao restante do mundo nesse período pós-guerra. Tudo dependia do estilo de jogo que o selecionado praticaria na competição, afinal, a participação num dos principais torneios esportivos era vista pelo governo franquista como a oportunidade de mudar completamente a visão que as outras nações teriam da Espanha.

Pouco antes de iniciar a Copa do Mundo, a Espanha passou a ter uma participação mais efetiva junto à FIFA. Dois dias antes do início da competição, nos dias 22 e 23 de junho, aconteceu um congresso, no qual o Comitê Executivo da entidade foi renovado. O espanhol Armando Muñoz Calero foi eleito membro da comissão mais importante da

FIFA.⁴ O contexto de nomeação do novo membro pode ser compreendido na seguinte passagem:

No final desta reunião, foi delineada a decisão dos favoráveis à candidatura do Presidente da Federação Real Espanhola a um dos cargos do Comitê Executivo da FIFA, decisão que foi confirmada no dia seguinte após a adesão dos delegados dos países ibero-americanos [...] o resultado do XXVII Congresso da FIFA constituiu uma vitória marcante para a Espanha, pois além de ter um membro da Comissão de Arbitragem e Regras de Jogo vinculado desde 1946 [...] foi designado como uma das Federações que tem o direito de nomear um membro da Comissão para ser entendido na reforma dos Estatutos e Regulamentos e tem um membro do Comitê Executivo na pessoa de Don Armando Muñoz Calero, eleito não apenas pelos votos das doze federações ibero-americanas presentes no referido Congresso [...] mas também por mais sete votos de outras nações europeias que prestaram uma homenagem de consideração e justiça ao valor internacional do futebol espanhol excedendo a classificação que ele tinha nos anos 1934 e 1936, durante os quais ele também tinha um membro do Comitê Executivo da FIFA na pessoa do Sr. Leopoldo García Durán, que depois a Federação Espanhola preside. (Participación española, 1950)

Esta fonte é de fundamental importância para compreender a intenção franquista. O documento evidencia as estratégias eleitorais em torno da candidatura de Muñoz Calero, apontando os membros dos outros países nos quais a Espanha confiou para obter o número suficiente de votos para conseguir a indicação. A notícia aponta que os primeiros países a apoiar o representante franquista foram os ibero-americanos. A proximidade linguística e histórica aproximava a Espanha dos países situados entre o México e a Argentina. Este vínculo cultural é compreensível na passagem, visto que os países sul-americanos (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai e Uruguai), bem como Costa Rica, Guatemala, México (localizados na América Central e do Norte), além dos portugueses, foram aqueles que apoiaram a indicação do espanhol.

A obtenção da nomeação, graças às iniciativas diplomáticas em direção aos estados culturalmente mais próximos e à confiança concedida posteriormente por sete associações europeias, aumentou o poder da Espanha junto a FIFA. Juntamente com os doze países ibero-americanos que fizeram a aliança foi estabelecida uma espécie de poder tutelar. Cabe destacar que a indicação foi um ponto de virada para o futebol espanhol, pois a Espanha se tornou uma protagonista no cenário futebolístico e a primeira missão seria a obtenção de um bom resultado na Copa do Mundo de 1950.

4 Armando Muñoz Calero foi presidente do Conselho Provincial de Madri antes de obter o cargo de Presidente da Federação Espanhola de Futebol, em 1947, função que desempenhou até sua nomeação para a FIFA, em 1950 (Bernárdez, 2015).

A participação espanhola na Copa do Mundo de 1950: cristalizando uma identidade nacional

A participação espanhola na Copa do Mundo do Brasil foi a segunda do país ibérico. A primeira havia ocorrido em 1934, na competição realizada na Itália. Torna-se necessário destacar que os três jornais espanhóis selecionados para este artigo divergiram, no início, em sua maneira de cobrir a aventura espanhola no Brasil, apenas o *Mundo Deportivo* colocou como matéria de capa os jogos da fase de grupos. Neste momento inicial da competição, a Espanha derrotou os Estados Unidos (3 a 1) no estádio Vila Capanema, em Curitiba, e o Chile (2 a 0), no Maracanã, no Rio de Janeiro, antes de enfrentar a Inglaterra por uma vaga na última rodada também no estádio do Maracanã. Contudo, foi somente após o último jogo da primeira fase que a euforia tomou conta da imprensa espanhola.

“La Roja” terminou a competição em quarto lugar e o resultado mais significativo em terras brasileiras foi a vitória por 1 a 0, no jogo decisivo da fase de grupos, contra os inventores do futebol, a poderosa seleção da Inglaterra, placar que levou a equipe para o quadrangular final da competição. Porém, a vitória sobre os ingleses, qualificados até então como os “mestres do jogo”, acabou produzindo reações positivas no governo franquista. O membro espanhol na FIFA, Muñoz Calero, também comemorou o triunfo enviando uma mensagem pessoal ao próprio Franco: “Caudillo! Vencemos o Albion traiçoeiro!”⁵ (Shaw, 1987, p. 39).

O entusiasmo demonstrado pelo governo franquista pode ser explicado pelos efeitos positivos que o regime obteve por conta do desempenho esportivo nos gramados brasileiros. Terret (2019) e Moraes e Silva et. al. (2020) salientam que, desde o final do século XIX, os primeiros confrontos internacionais foram relacionados com questões políticas, pois possibilitavam a afirmação do poder de uma nação perante as outras. A Espanha franquista não fugiu a essa regra. Tal valorização política fica evidente na seguinte notícia:

A opinião geral no Rio é que a Espanha acabou com o mito do futebol inglês. O embaixador espanhol Conde de Casas Rojas, encerrada a partida, desceu ao vestiário para parabenizar os jogadores [...] O embaixador espanhol [...] apertou a mão de todos os jogadores e gritou “Viva Espana!” O que foi respondido por todos os presentes, uma grande multidão, já que treinadores e jogadores haviam se juntado a muitas pessoas da colônia espanhola no Brasil, que formaram um longo cortejo

5 Albion é o apelido usado pelos franceses para nominar os ingleses, durante os séculos XVIII e XIX; historicamente falando, refere-se ao nome usado pela Inglaterra durante a Antiguidade.

após a expedição esportiva espanhola [...] Todos os carros [...] completamente lotados de compatriotas carregavam grandes bandeiras espanholas e muitos desses torcedores espanhóis portavam outras bandeiras nacionais, agitando-as continuamente durante a marcha dos veículos, enquanto enrouquecidos davam vivas à Espanha. (Opiniones después del partido, 1950, p. 14)

A fonte evidencia que o embaixador espanhol no Brasil exultou a vitória conquistada sobre os ingleses. A missão do representante do governo era obviamente política, visto que ele foi lembrar aos jogadores o fato dos atletas serem os representantes do país e que o sucesso obtido no campo ia muito além da esfera esportiva. A vitória sobre os inventores do futebol assumia uma forma de triunfo nacional. A Espanha, em 1950, pode então usar o “nacionalismo esportivo” como instrumento de coesão popular e de diplomacia internacional, assim como o tinham utilizado, na década de 1930, a Itália fascista (Dietschy, 1993) e a Alemanha nazista (Merkel, 2000). Esse entusiasmo e a euforia com a seleção pode ser compreendida na seguinte passagem:

Jacques de Ryswic, enviado especial do *l'Époque*, comenta: “Se os ingleses fizeram um jogo muito técnico, os espanhóis se opuseram a uma velocidade, um brilho de jogo e agilidade que sempre os tornava muito mais perigosos à porta do gol. Da equipe espanhola me pareceram os seus melhores homens Zarra, Gainza, Panizo, Puchades e Ramallets. Mas, acima de tudo, ficou-se surpreso com o extraordinário entusiasmo dos jogadores espanhóis diante da apatia dos metódicos ingleses”. (Triunfo merecido español, 1950, p. 13)

O jornal madrileno transcreve palavra por palavra o comentário do célebre jornalista esportivo francês, Jacques de Ryswick.⁶ Na visão do periodista, a Espanha foi uma equipe intensa, que praticou um estilo de jogo mais direto e ágil que os ingleses. Tudo graças a bons jogadores como Telmo Zarra, o autor do único gol da partida. A Espanha foi descrita como uma equipe mais motivada e entusiasmada que destruiu a indiferença dos metódicos ingleses. Assim, a visão do jornalista francês foi utilizada para melhorar a reputação da “La Roja”, pois os soldados da bola foram os corajosos embaixadores espanhóis na Copa do Mundo.

Cabe destacar que esse estilo de jogo da Espanha, relatado pelo jornalista francês, contribuiu para o fortalecimento do mito da “Fúria Roja” como uma forma de identidade nacional. Para enfatizar tal questão, a imprensa espanhola acabou por ressuscitar o mito criado nos Jogos Olímpicos de 1920:

6 Importante jornalista francês que escreveu uma série de textos, artigos e livros sobre o futebol e que posteriormente contribuiu para a criação da Copa dos Campeões da Europa (Vonnard, 2014).

Os jornais elogiam o desempenho da Espanha no Campeonato Mundial de Futebol [...]. A Espanha não tinha chances no papel, mas as tinha no campo de jogo. A “fúria espanhola” ressurgiu e isso foi tudo. A história dos torneios de futebol que a Espanha participou nos diz que era muito difícil eliminá-la. (Elogios portugueses, 1950, p. 14)

Nota-se uma clara intenção dos jornais espanhóis em fortalecer uma identidade corajosa em torno de sua equipe de futebol. A exitosa participação nas competições da Antuérpia foi lembrada e a denominação “Fúria Roja” foi retomada pela imprensa espanhola (Simon, 2016). Porém, na esfera futebolística propriamente dita, os espanhóis eram franco-atiradores, pois sequer haviam sido cotados para chegar a fase final do torneio. Considerada com menos recursos técnicos, a equipe espanhola superou as expectativas e chegou ao quadrangular final, ressuscitando com isso o mito da “Fúria Roja”, marcado por uma representação de bravura, coragem e loucura. Além da exaltação do nacionalismo, esse renascimento destacava os valores apregoados pelo franquismo e que o regime pensava que população deveria tomar como modelo.

Nesse sentido, a própria imprensa brasileira, ao noticiar o confronto dos espanhóis contra os ingleses, acabou por valorizar os atributos da “Fúria Roja”: “A Espanha conseguiu reafirmar suas grandes possibilidades técnicas e sobretudo as favoráveis pretensões na luta pela Copa do Mundo. A sua vitória sobre a Inglaterra foi produto de grande espírito de luta e uma segurança que se observou em todos os setores da equipe” [...] (“Os quatro grandes”, 1950, p. 1). O jornalista francês Albert Laurence, que prestava serviço ao “Jornal dos Sports”, enfatiza os mesmos aspectos, evidenciando que a imagem que o franquismo almejava para a Espanha estava realmente sendo difundida para o restante do mundo: “[...] Extraordinário primeiro tempo de um grande jogo, Espanha x Inglaterra (o melhor football ‘clássico’ que vi talvez em trinta anos de jornalismo) e triunfo indiscutível dos ibéricos sobre os mestres britânicos [...]” (Crônica Internacional, 1950, p. 5).

Como dito anteriormente, após ao sucesso obtido na fase de grupos, a imprensa espanhola mudou a forma de divulgar a participação de sua seleção. O primeiro encontro desta fase, o empate de 2 a 2 frente à equipe uruguaia, foi estampado com euforia na capa dos três jornais espanhóis analisados. Porém, na rodada seguinte, a “Fúria Roja” enfrentou o selecionado brasileiro e o entusiasmo se transformou em decepção, pois a equipe acabou sendo humilhada pelos anfitriões pelo placar de 6 a 1. Já a derrota por 3 a 1 contra a Suécia foi praticamente ignorada pela imprensa espanhola que preferiu evidenciar em suas páginas a surpreendente vitória do Uruguai frente ao Brasil.

Nesse sentido, a seguinte pergunta ganha centralidade: os ganhos políticos e esportivos conquistados pela Espanha na fase de grupos foram afetados pelos resultados obtidos na fase final do torneio? O “Mundo Deportivo”, ao comentar a derrota frente ao Brasil, fornece indícios importantes para responder à indagação acima levantada:

Os espanhóis que vimos, com a emoção e a dor de supor, o agrupamento que não podemos deixar de tirar o chapéu diante da brilhante exposição que os brasileiros desenvolveram na grama do Maracanã, o futebol que vimos hoje, tem sido algo como um 'balé fantasmagórico' pleno de interrogações, de cor, de coordenação, que pôs em prática alguns maravilhosos malabaristas de ébano, porque, com exceção de dois ou três brasileiros, são homens de cor. Como os fatos se desenrolaram o seis pareceu leve. Poderia ter sido mais, muito mais, pois diversas vezes os brasileiros estiveram a um tris de entrar em nossa porta, quando nossa equipe, desmornada, apresentava somente uma sombra de resistência. Foi uma vitória que não temos nada a que se opor e pela qual só podemos parabenizar o magnífico adversário que nos derrotou. (Brasil fútbol, 1950, p. 3)

Nota-se que, enquanto os mágicos malabaristas brasileiros eram elogiados pelo observador do "Mundo Deportivo", os atletas espanhóis não tiveram mais direito ao tratamento especial obtido na fase de grupos. Contudo, a própria imprensa brasileira, ao comentar o confronto com os espanhóis, na Copa do Mundo de 1950, acaba por fornecer indícios de que os valores apregoados à "Fúria Roja" eram devidos. A bravura dos jogadores do país ibérico foi destacada:

[...] Não jogaram mal os espanhóis não. De modo algum. Jogaram tudo o que sabem. Atiraram-se à luta com unhas e dentes com o ardor que lhes é peculiar. Lutaram com a máxima bravura até o fim da peleja. Já estava 6 x 0, o baile estava no auge, mas os espanhóis continuavam a fazer a mesma força que faziam se estivesse 0 x 0. Mas, o fato indiscutível é que a diferença entre os dois teams é assombroso [...]. Se a Espanha houvesse jogado assim contra a Inglaterra, com o mesmo ímpeto, com as mesmas qualidades técnicas, ontem demonstradas, teria, talvez, vencido por score maior. (Espetáculo completo, 1950, p. 3)

A narrativa utilizada pela imprensa brasileira acaba por evidenciar que os valores apregoados pelo franquismo estavam sendo percebidos fora do território espanhol, ou seja, a formação do "*homo-sportivus*" franquista se tornava visível para todo o mundo. Nesse sentido, embora os maus resultados obtidos na fase final tenham fornecido uma dose de amargor às aventuras da seleção espanhola, em terras brasileiras pode-se dizer também que a participação possibilitou mais ganhos do que perdas políticas para o governo franquista.

Se um olhar em longo prazo for lançado, pode-se dizer que a campanha no Brasil foi algo significativo para o futebol espanhol, visto que, por sessenta anos, até a conquista na Copa do Mundo em 2010, na África do Sul, a aventura realizada em terras brasileiras, que culminou com a quarta colocação, foi o melhor resultado conquistado por

um selecionado espanhol e por tal significância o governo franquista soube muito bem tirar vantagens políticas da participação espanhola na competição realizada no Brasil, tanto que, a partir de 1950, o futebol adquiriu maior visibilidade política e o governo franquista utilizou-se da modalidade para consolidar seu projeto de nacionalismo. Porém, como a seleção não conseguiu se qualificar para as Copas do Mundo de 1954 e 1958, o foco passou a ser seus clubes, afinal o Real Madri, sob a liderança do argentino Alfredo Di Stéfano e dos húngaros Ferenc Puskas e Raymond Kopa, conquistou seis edições da Liga Europeia, atual *Champions League* (55-56, 56-57, 57-58, 58-59, 65-66), contribuindo na divulgação dos valores do franquismo para o restante do mundo (Gonzalez-Aja, 2012; Rigo y Torrano, 2013).

Conclusões

Nos primeiros anos do governo franquista, o futebol foi usado como uma ferramenta política a serviço de um poder autoritário que não hesitou em usar a modalidade em seu benefício. O esporte e todas as atividades relacionadas a esse universo foram facilmente instrumentalizadas para impor uma ideologia e conceitos de maneira mais ou menos sutil à população espanhola. O futebol rapidamente se tornou um dos principais eixos que os franquistas desenvolveram para implementar sua política de regeneração da nação e mascarar os desvios autoritários do regime.

De fato, as vitórias futebolísticas na Copa do Mundo de 1950, sobretudo a alcançada frente aos ingleses, fomentaram os valores apregoados pelos franquistas, possibilitando que a população se aglutinasse em torno dos conceitos almejados pelo governo. Todavia, os maus resultados obtidos na fase final do evento realizado no Brasil também foram utilizados politicamente por Franco, visto que os reveses foram um meio de provar aos outros países que o regime franquista anterior a Segunda Guerra Mundial era apenas uma memória distante no passado e que a Espanha pós-conflito estava aberta e sintonizada com todo o contexto internacional e respeitava as outras nações.

Nesse sentido, a Espanha franquista conseguiu, através de sua seleção de futebol, evidenciar seu regime. Cabe destacar que o país ibérico aproveitou tanto os efeitos favoráveis como os desfavoráveis da Copa do Mundo de 1950, conseguindo consolidar a ideologia do franquismo mesmo com todas as mudanças ocorridas no cenário internacional do pós-guerra. A título de conclusão, o artigo aponta que o futebol foi utilizado politicamente pela ditadura capitaneada por Franco e que a participação do selecionado espanhol, no mundial realizado no Brasil, foi habilmente utilizada pelo regime franquista para valorizar a imagem da Espanha e da “Fúria Roja” perante o restante do mundo.

Referências

- Amalric, J. P., Bennassar, B., Pérez, J., e Témime, E. (1976). *Lexique historique de l'Espagne: XVIe-XXe siècle*. Paris: Armand Collin.
- Archetti, E. (1995). In search of national identity: Argentinian football and Europe. *The International Journal of the History of Sport*, 12(2), 201-219.
- Bernárdez, R. M. (2015). La casa regional de Murcia en Madrid: 1929-1979. *Revista Can-gilon*, 34, 75-86.
- Brasil, fútbo y sambas. (1950, julho 19). *Mundo Deportivo*, p. 3.
- Canal, J. (2017). Histoire de l'Espagne contemporaine: De 1808 à nos jours. Paris: Armand Colin.
- Capraro, A. M. (2011). Mario Filho e a "Invenção" do jornalismo esportivo profissional. *Movimento*, 17(2), 213-224.
- Carpentier, F. (2005). Le conflit entre le CIO et la FIFA dans l'entre-deux-guerres: Les Jeux olympiques contre la Coupe du Monde de football. *Staps*, 2(2), 25-39.
- Crônica internacional. (1950, julho 5). *Jornal dos Sports*, p. 5.
- D. Enrique Piñeyro, Marqués de la Mesa de Asta, Presidente del F.C. (1940, março 23). *Mundo Deportivo*. p. 1.
- Dietschy, P. (1993). Les matchs du Stadio Mussolini: Sport, football et politique à Turin sous le fascisme. *Cahiers d'Histoire*, 28(2), 153-174.
- Dietschy, P. (2013). Making football global? FIFA, Europe, and the non European football world, 1912-1974. *Journal of Global History*, 8(2), 279-298.
- Do Cabo, Á., e Helal, R. (2011). El mundial de 1930: Un análisis de la prensa uruguaya acerca del evento. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 12(7), 126-136.
- Dulphy, A. (1993). *Histoire de l'Espagne*. Paris: Hatier.
- Elogios portuguesas al equipo español. (1950, julho 7). *La Vanguardia*, p.14.
- Espectáculo completo no estádio municipal. (1950, julho 14). *Jornal dos Sports*, p.3.
- Gonzalez-Aja, T. M. (2012). Le sport dans l'Espagne franquiste. *International Review on Sport and Violence*, 6, 5-21.
- Hémeury, L. (2014). Entre tribunes et terrain: Les cultures sportives des chefs d'État argentins des années 1880 aux années 1990. *Histoire@Politique*, (2), 97-122.
- Hermet, G. (1986). *L'Espagne au XXe siècle*. Paris: Presses Universitaires Françaises.
- Hollanda, B. Borges Buarque. (2012). O cor-de-rosa: Ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. Em B. Borges Buarque Hollanda e V. Melo Andrade (orgs), *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil* (pp.80-106). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- La asamblea general de la FIFA. (1946, julho 27). *Mundo Deportivo*, p. 1.
- Marty, N. (2019). *Comprendre la crise catalane*. Morlàas: Editions Cairn.

- Merkel, U. (2000). The hidden social and political history of the German football association (DFB): 1900–50. *Soccer & Society*, 1(2), 167-186.
- Moraes e Silva, M., Carqueijeiro de Medeiros, D. C., Amgarten Quitzau, E., e Levoratti Moraes, A. (2020). Similitudes y diferencias en la historiografía del deporte en Brasil y Francia: Un diálogo con “Histoire du sport” de Thierry Terret. *Anuario de la Escuela de Historia*, 33, 1-32.
- Morrow, D. (1985). The story of soccer in Canada. *Journal of Sport History*, 12(2), 182-184.
- Mr. Luis Dupuy, de la FIFA hable del fútbol español. (1943, março 24). *Mundo Deportivo*, p. 1.
- Opiniones después del partido. (1950, julho 4). *La Vanguardia*, p. 14.
- [Os quatro grandes da “Copa do Mundo”]. (1950, julho 2). *Jornal dos Sports*, p. 1.
- Participación Española en el IV Mundial de Fútbol (51/190003). (1950). *Archivo General de la Administración*, Madrid.
- Peyregne, F. (2011). *L’Espagne du XXe siècle: Le franquisme*. Paris: Ellipses
- Porter, D. (2009). Coming on with leaps and bounds in the metropolis: London football in the era of the 1908 olympics. *The London Journal*, 34(2), 101-122.
- Prats, L. (2010). *La crónica celeste: Historia de la selección uruguaya. Triunfos, derrotas, mitos y polémicas (1901-2010)*. Montevideo: Fin del siglo.
- Quiroga, A. (2020). Football and nation: FC Barcelona and Athletic de Bilbao during the Franco dictatorship (1937–1977). *Journal of Iberian and Latin American Studies*, 26(1), 1-18.
- Rigo, L. C., e Torrano, C. V. (2013). Identidades dos clubes de futebol: Singularidades do FC Barcelona. *Movimento*, 19(3), 191-210.
- Shaw, D. (1987). *Fútbol y franquismo*. Madrid: Alianza Editorial.
- Simon, J. A. (2012). Conquistando a las masas: El impacto del deporte en la prensa española, 1900-1936. *Recorde*, 5(1), 1-40.
- Simon, J. A. (2016). De la furia espagnole au tiki-taka: Football et constructions identitaires en Espagne (1920-2015). Em F. Archambault, Beaud, S. e Gasparini, W. (dirs.), *Le football des nations: Des terrains de jeu aux communautés imaginées* (pp. 75-91). Paris: Publications de la Sorbonne.
- Simon, J. A. (2019). El deporte en el No-Do durante el primer franquismo, 1943-1951. *Hispania Nova*, 17, 341-371.
- Terret, T. (2019). *Histoire du Sport*. Paris: Presses Universitaires Françaises.
- Tovar, J. (2020). Soccer, World War II and coronavirus: A comparative analysis of how the sport shut down. *Soccer & Society*, 1-9.
- Un triunfo muy merecido español. (1950, julho 5). *ABC*, p.13.
- Vilar, P. (2019). *Histoire de l’Espagne*. (23ª éd.). Paris: Presses Universitaires Françaises
- Víñao Frago, A. (2014). *Religión en las aulas: Una materia controvertida*. Madrid: Morata.

- Vonnard, P. (2014). A competition that shook european football: The origins of the european champion clubs' cup, 1954–1955. *Sport in History*, 34(4), 595-619.
- Vonnard, P., e Quin, G. (2017). Did South America foster european football? Transnational influences on the continentalization of FIFA and the creation of UEFA, 1926–1959. *Sport in Society*, 20(10), 1424-1439.